

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
HISTÓRIAS DE OBJETOS, OBJETOS NAS HISTÓRIAS
11 de setembro de 2021

THE EVIL DEAD / 1981
(*A Noite dos Mortos-Vivos*)

Um filme de Sam Raimi

Realização e Argumento: Sam Raimi / *Direção de Fotografia:* Tim Philo / *Montagem:* Edna Ruth Paul / *Assistência à Montagem:* Joel Coen / *Música:* Joe LoDuca / *Efeitos Especiais:* Tom Sullivan, Bart Pierce / *Produção:* Robert Tapert (Renaissance) / *Produção Executiva:* Bruce Campbell, Sam Raimi / *Produção Associada:* Gary Holt / *Interpretações:* Bruce Campbell (Ash), Ellen Sadweiss (Cheryl), Betsy Baker (Linda), Hal Deirich (Scott), Sarah York (Shelly) / *Cópia:* Ultra HD, cor, falado em inglês, legendas eletrônicas em português / *Duração:* 85 minutos / *Estreia Mundial:* 15 de outubro de 1981, Detroit, Michigan, Estados Unidos / *Estreia Nacional:* Fevereiro de 1987, Fantasporto – Festival Internacional de Cinema do Porto / *Primeira Apresentação na Cinemateca.*

A Sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.

Quarenta anos volvidos, aquilo que parecia ser um típico filme realizado entre amigos, que congelaram as suas matrículas na faculdade para produzirem, como se lê no final dos créditos, “the ultimate experience in grueling horror” (“a derradeira experiência do mais extenuante horror”), representa hoje um marco na história do cinema de terror moderno. Diria que **The Evil Dead** ganhou, por direito próprio, o estatuto de **Citizen Kane** (1941) do *splatter*, género em que o comprazimento estético é medido em litros de sangue (ou xarope de ácer) jorrados no *set*. A comparação tem validade, se tiver..., desde logo pelo facto de esta experiência de Sam Raimi e amigos ter mudado a face do terror, abrindo caminho a um filão que, ao misturar horror com comédia, vem gerando reações contraditórias nas suas plateias, “gritando a bandeiras despregadas” com o impensável que se desenrola no ecrã demoníaco. Os primeiros filmes de Peter Jackson e os dois primeiros **Re-Animator** são porventura os descendentes mais diretos de **The Evil Dead**.

É preciso dizer que, como um bom filme feito por *nerds*, muito naturalmente **The Evil Dead** é também um autêntico *carrefour* de devoção cinéfila: parece-me evidente que a dívida maior pertence a **The Exorcist** (1973) de William Friedkin, aonde Raimi vai buscar a história de possessões e assombrações da carne (o corpo-fantoches possuído por uma voz gutural que afronta os protagonistas...). Mas igualmente importantes são os outros nomes da Nova Hollywood, desta feita, especializados no cinema hiperviolento de horror, tais como Wes Craven (citado no filme por via de um cartaz do *cult classic* **The Hills Have Eyes** (1977) e ao qual **The Evil Dead** rouba o *look* cru e uma certa amoralidade primitiva) e George A. Romero (Raimi, menos ambicioso do ponto de vista político, também assina um filme de cerco com mortos-vivos caracterizados por uma insaciável vontade de possuir os vivos, usando alguns *slogans* que nos lembram as campanhas de recrutamento do exército americano: “Join us!”). Somam-se ainda umas colheradas valentes do *gore* estilizado presente nalguns filmes italianos, como os de Lucio Fulci e Dario Argento. A síntese é complexa, mas tudo é feito em jeito de “brincadeira entre amigos”, nunca perdendo o filme esse lado de *divertissement* descontraído onde, para usar uma fórmula cara a Stuart Gordon, realizador de **Re-Animator** (1985), “more is more”.

Não deve ficar por aqui a ligação extremamente improvável, e talvez forçada, com a obra-prima de Welles. A verdade é que um dos aspectos mais notáveis de **The Evil Dead** está presente menos no *horror fest*, feito de sangue, vísceras e outras viscosidades, do que na criatividade da sua “assinatura de

câmara”. O jovem Sam Raimi, então com 22 anos, transformou o seu muitíssimo hábil manejo da câmara numa das principais qualidades deste filme e, acrescentando-se, na principal fonte do terror. Destarte, não será descabido insistir na ligação a Welles, já que a gramática visual de Raimi, repleta de grandes planos, *Dutch angles*, longos *travellings* “com vida própria”, contra-picados ou planos-vassoura, ao nível do solo, apresenta-se eivada de um irresistível barroquismo, experimentando e testando-se cena após cena. Esta irrequietude formal, digna de um “génio intuitivo” como foi Welles, advém do absoluto controlo que Sam Raimi exerceu sobre o seu filme, tendo assinado a realização, o argumento e, segundo reza a lenda, ocupado inclusive, a dado momento, o lugar de operador de câmara. O que é mais impressionante, ainda hoje, em **The Evil Dead**, vai além do facto de ter lançado as sementes de uma nova fórmula narrativa ou de todo um subgénero do terror – o “terror e uma cabana” que depois veio a ser reinterpretado e parodiado, sem grande graça, tanto por Eli Roth (**Cabin Fever** [2002]) como por Drew Goddard (**The Cabin in the Woods** [2011]).

O mais interessante de **The Evil Dead**, do ponto de vista cinematográfico, diz respeito ao modo como a câmara é mais um elemento na ação, um corpo com vida (morto-vivo, sedento de sangue e vingança), implicando-se, mexendo-se no espaço com a desenvoltura de um... demónio. A dado momento, uma personagem conclui, em pânico, que não é que *haja* algo de demoníaco na floresta, porque, *hélas*, a floresta *é* esse algo. O mesmo podemos dizer da câmara: o terror está naquilo que ela mostra e, mais ainda, naquilo que ela não mostra, passando a experiência da ação para um olhar outro, uma subjetividade que se desprende e se transaciona sem um e somente um corpo/destino, isto é, ocupando não *um* mas *múltiplos* lugares. Enfim, a câmara, que voa, rasteja, atravessa a floresta e ataca pelas costas as personagens, está lá e junta as peças, sabendo como coreografar o carnaval de horrores e tirando ainda partido de um perspicaz sentido de humor (que será extravasado na sequência, já exibida na Cinemateca, **The Evil Dead II** [1987], também de Raimi, mas de câmara menos inspirada).

O terceiro elemento que nos pode ligar ao clássico de Welles (as minhas desculpas por estar a insistir tanto nesta comparação tão inusitada) prende-se com o animismo, aqui levado ao delírio num autêntico “mundo de coisas”. A história de **The Evil Dead** poder-se-ia resumir a um efeito abraçadabrante gerado pela leitura de um livro, *The Book of the Dead*, que os amigos descobrem na cabana e cujas preces, devidamente lidas, fazem ressuscitar os mortos e despertar todo o tipo de seres malditos que habitam o inferno. Enfim, a leitura do livro, objeto feito de pele e ossos (um livro com dentes!), acaba por pôr em movimento toda uma série de coisas que são inventariadas nos minutos iniciais, quando um dos amigos percorre o espaço da casa, onde vemos o relógio de parede e a lareira, por exemplo (vemo-los, mas a câmara irá *encarnar* neles, em loucos planos subjetivos), e depois a cabana adjacente onde está a motosserra (também aí regressaremos, com som e fúria).

Se, neste mundo de coisas em movimento, o “livro” é o vilão – diz-se que o filme teve o *working title* *The Book of the Dead*, que acabou abandonado pela razão aventada de que o público-alvo, mais jovem, padece normalmente de “horror à leitura” – o colar que o protagonista interpretado por Bruce Campbell oferece à sua amada contém a energia branca, pura, que importa salvar, sobretudo se não houver mais nada para salvar neste mundo... De qualquer modo, apetece dizer que as palavras escritas a sangue no livro dos mortos – verdadeira chave na narrativa – são uma espécie de “Rosebud”, de onde tudo se gera e para onde tudo regressará. Regressará mesmo e de vez, mal o dito objeto-livro seja consumido pelas chamas? Isso é que era bom.

Luís Mendonça